

Ética da reparação e urbanidades dissidentes: devir delinquir em ambiências comunicacionais¹

Milene Migliano²
ESPM-SP/ CLACSO/UFRB

RESUMO

Ao mirar para produtos culturais contemporâneos - cinematográficos, fotográficos e musicais – observamos que alguns se realizam pautados pela perspectiva da ética da reparação (KILOMBA; SANTOS) apresentando urbanidades dissidentes, como no filme “Branco Sai, Preto Fica”, de Adirley Queiroz. Entre o curta “Abjetas 288”, de Julia da Costa e Renata Mourão, a obra “Frequência Sublime”, de Helen Salomão e o álbum musical “Nordeste Futurista”, de Luana Flores, percebe-se como se delineiam proposições estéticas que ao apresentar urbanidades dissidentes, fabulam modos de criar ambiências comunicacionais do esperar em luta, territórios não-alienados (RIBEIRO). Nesta proposta será reencontrado o entendimento sobre devir delinquir, competente na abordagem do campo da comunicação urbana, por meio de prática etnográfica afeita a uma “submetodologia indisciplinada” (MOMBAÇA) e a implicação política.

PALAVRAS-CHAVE

Territórios; Cultura nordestina; urbanidades dissidentes; devir delinquir.

O entendimento da ética da reparação como atuante nas produções imagéticas contemporâneas se constitui a partir do encontro com estudantes do curso de cinema e audiovisual da UFRB. No retorno ao ensino presencial, depois da interrupção das aulas como medida de enfrentamento da pandemia de COVID-19, turmas de estudantes se interessavam exclusivamente por produções que enfrentavam as linguagens, temas, visibilidades legitimadas. Partindo da compreensão do processo de responsabilização coletiva do racismo em territórios de “Memórias da Plantação” (2019) – negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação”, - os estudantes escolheram filmes que em suas individualidades documentais, reivindicavam conquistas coletivas no sentido dos entendimentos de mundo, e suas recriações.

¹ Trabalho apresentado no GP 14 Comunicação, Técnicas e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora do Grupo de pesquisa Juvenália – questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero em Comunicação e Consumo – ESPM/SP. Pesquisadora associada do Eixo Infâncias e Juventudes da CLACSO. Pesquisadora do GEEECA-UFRB, Grupo de Estudos em Experiência Estética, Comunicação e Arte.

A cinematografia brasileira em sua originalidade estreante provia os sonhos dos estudantes: “Fartura”³, de Yasmin Thainá (2019), “Noir Blue”⁴, de Ana Pi (2019) e “Travessia”⁵, de Safira Moreira (2017), compõem esse quadro de filmes que os estudantes queriam ver, discutir e se motivar a imaginar também um cinema seu. Um daqueles que os pudessem mobilizar a arriscar a dizer o que realmente pensavam do mundo, perspectiva da auto-inscrição audiovisual.

A ficção visionária de “Branco sai, preto fica”, de Adirley Queiróz (2014) também contesta o *status quo* inventando um outro mundo imbricado em nossas geografias urbanas, por meio de uma visualidade amparada por improviso e gambiarra (ROCHA, 2023). Pessoas com deficiências provocadas pela invasão da polícia a um baile de 1973, vivem desde sua juventude à margem da capital, causadora de suas lesões e para a qual planejam uma bomba sonora. Um terceiro personagem viaja no tempo para reunir documentação que comprove a culpa do estado, e sua responsabilização, pelos crimes contra a humanidade cometidos em governos ditatoriais.

Urbanidades são as práticas, regulações, gestos realizados nos espaços das cidades que configuram o urbano. As urbanidades dissidentes representadas nos filmes, atravessam os territórios urbanos com suas existências corporificadas e incorporadas de lutas que vivem, sabem e enaltecem, produzindo territórios não-alienados com as imagens.

A reinvenção, reencontro e fabulação, propostas pelos três filmes com as fotografias das mesas de festas de famílias negras em Fartura, proposição de uma dança em territórios urbanos africanos e produção de imagens que dêem conta de uma retomada das telas, e suas visibilidades. O gesto transgressor capaz de fabular criticamente a realidade na idealização de criação de uma bomba sonora, introduz a proposição do devir delinquente, premissa para o devir delinquir.

O devir delinquir (MIGLIANO, 2024) transparece quando, esse gesto transgressor que pode fabular criticamente seu tempo vivente, é realizado por uma corporeidade que transgride a partir de sua existência cuir, condições impostas pelas situações urbanas.

³ Um filme-ensaio sobre memórias marcadas pelo preparo e o oferecimento de comidas como um conjunto simbólico dos modos que as famílias presentes no filme encaram a vida e revelam suas relações.

⁴ Em uma dança de fertilidade e de cura, a pele negra sob o véu azul se integra ao espaço, reencenando formas e cores que evocam a ancestralidade, o pertencimento, a resistência e o sentimento de liberdade.

⁵ Utilizando uma linguagem poética, Travessia parte da busca pela memória fotográfica das famílias negras e assume uma postura crítica e afirmativa diante da quase ausência e da estigmatização da representação do negro.

“Frequencia Sublime”, de Helen Salomão (2024), apresenta uma obra fotográfica que enquadra uma mulher com os peitos nus levando um som portátil nos ombros, peitando o patriarcado e a interdição de sua imagem nos espaços públicos da cidade. No museu, na exposição, por onde circular, as artistas questionam a regra vigente com o gesto de não a respeitar.

O álbum visual “Nordeste Futurista”, de Luana Flores (2022), se inicia com a avó da artista colocando óculos de realidade aumentada, quando assistia a uma reportagem enunciada por uma cacica sobre a luta de seu povo. A primeira música tem uma performance que intervêm na concepção de mundo da feira da cidade, androgenizando o centro da capital paraibana e de lá, rumo ao quilombo, potencializando as vidas ali pulsantes, com a invenção de um desfile no mangue, na segunda música. O carnaval que se organiza na música seguinte, contesta a binaridade de gênero na roça do Conde. Na última música, um jogo de videogame é fabulado no território do sertão, levando o urbano para onde ele não era, e propondo o acúmulo de pontos a partir do contato com a vegetação existente naquele terreno. Ao final da música, um ritual é realizado com a condução de uma entidade encantada ligada à terra e a natureza.

“Abjetas 288”, de Julia da Costa e Renata Mourão (2020), fabulam criticamente a especulação imobiliária e corporal das cidades, com suas interdições, cerceamentos policiais e morais. As protagonistas chegam ao final do percurso compreendendo que a invenção das imagens pode ser nociva quando cria mundos para nos manter sob controles. O dever delinquir que atravessa essas imagens é potencializado pela dança que as anima, seja com passos de bailado ou com a potência porvir. As urbanidades dissidentes enunciadas proporcionam o desdobramento do entendimento da música/som/dança como um dos gestos contra-coloniais (SANTOS, 2022) e resistentes, em sua ética da reparação.

Referências

ABJETAS, 288. Direção: Julia da Costa e Renata Mourão. Produção Executiva: Filipe Cruz. Sergipe: Embaúba play, 2020. (21 min.)

BRANCO SAI, PRETO FICA. Direção: Adirley Queiróz. Produção: Adirley Queiróz e Simone Gonçalves. Distrito Federal: Embaúba play, 2014. (93 min.)

FARTURA. Direção: Yasmin Thayná. Produção: Juliana Nascimento. Rio de Janeiro: Embaúba play, 2019. (27 min.)

FREQUENCIA SUBLIME. Fotografia: Helen Salomão. Modelo: Gabriela Palha. Casa das Histórias de Salvador: Exposição Ecos Malês, 2024.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Recife: Cobogó, 2019.

MIGLIANO, M. Dança envolvente e ficção visionária: fabulação crítica de cidades amorosas para elas. In: **Logos, Dossiê Amor da cabeça aos pés**, v. 31, nº 01, PPGCOM-UERJ: 2024.

MOMBAÇA, J. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, 1(28), 334–354. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25925>. Rio de Janeiro, 2016.

NOIR BLUE – DESLOCAMENTOS DE UMA DANÇA. Direção: Ana Pi. Produção: Ana Pi. Brasil/África: Youtube, 2018. (27 min.)

NORDESTE FUTURISTA. Direção: Luana Flores. Produção: Luana Flores. Paraíba: Youtube, 2022. (18 min)

RIBEIRO, A. C. T. Corpo e imagem: alguns enredamentos urbanos. In: RIBEIRO, A.C. T. (org). **Cadernos PPGAU-UFBA**, v. 5, número especial 4 - Resistências/afirmações sociais em espaços opacos: cidade e cultura. Salvador: 2007.

ROCHA, I. Artesanalidade, Gambiarra e Artifício na direção de arte do cinema brasileiro contemporâneo. In: FERREIRA, B. et al. **Dimensões da direção de arte na experiência audiovisual**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2023.

SANTOS, A. B. dos. **Quatro Cantos**. São Paulo: N-1 edições, 2022.

TRAVESSIA. Direção: Safira Moreira. Rio de Janeiro: MUBI, 2017. (5 min.)